



# Representação nos trópicos

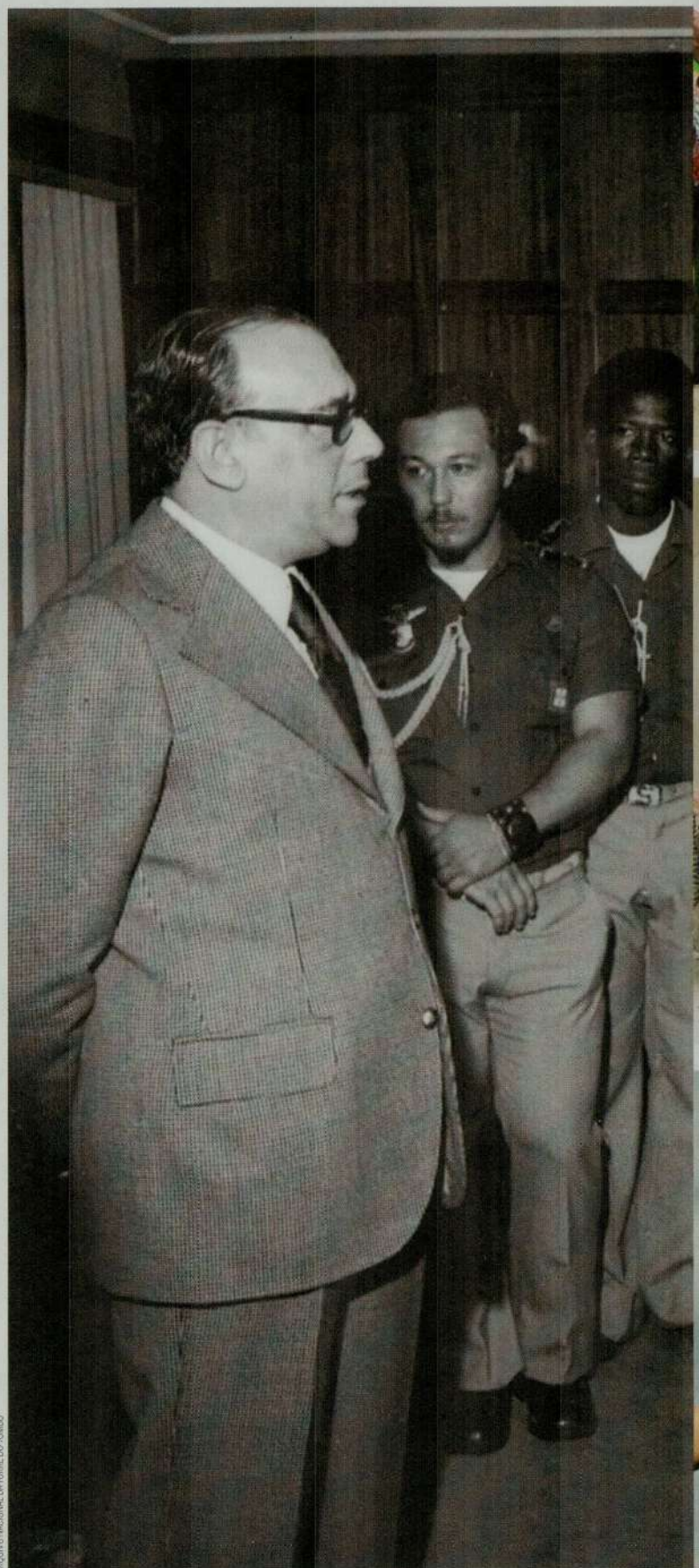
Um ministro, filiados da Mocidade Portuguesa e um salão nobre em África. Elementos cénicos de um drama que se aproximava do final

**E**ra primeiro de abril, mas não era mentira. Nesse dia de primavera de 1974, em que começava o mês fatal para a longa ditadura de 48 anos, o ministro do Ultramar, Baltazar Rebelo de Sousa, encontrava-se de visita às colónias (ou às «províncias ultramarinas», como então se dizia). Em Bissau, onde não era primavera, recebeu os cumprimentos de 35 filiados da Mocidade Portuguesa, organização de que no passado fora dirigente, numa cerimónia com muito de ritual, como se nada de especial se passasse na pequena colónia africana. Porém, ironicamente, apesar de a capital e as restantes cidades continuarem em poder das autoridades portuguesas, a Guiné-Bissau proclamara unilateralmente a independência mais de seis meses antes, em 24 de setembro de 1973, e esse estatuto era já reconhecido por dezenas de países. O Portugal de Salazar e de Caetano representava no palco do mundo uma comédia dramática.

Médico de formação, Baltazar Rebelo de Sousa – pai de Marcelo Rebelo de Sousa – tinha em jovem aderido entusiasticamente ao Estado Novo. Secretário de Marcelo Caetano quando este era ministro das Colónias, nasceu então entre ambos uma amizade que perduraria. Significativamente, o professor universitário e comentador político teve por padrinho o então futuro presidente do Conselho. Simultaneamente dirigente da Mocidade Portuguesa (deixou uma marca na direção da revista *Camarada*), foi depois subsecretário de Estado da Educação, deputado à Assembleia Nacional e, já no consulado marcelista, governador-geral de Moçambique e, sucessivamente, ministro da Saúde, das Corporações e do Ultramar. Depois do 25 de Abril viveria uns tempos exilado no Brasil, como muitos políticos e empresários ligados ao regime deposto.


Quanto à Mocidade Portuguesa, conhecida entre a rapaziada por «Bufa», era uma organização infanto-juvenil de modelo militar (embora não armada) e ideologia de recorte fascista, fundada em 1936 por decalque nos modelos das juventudes hitleriana (*Hitlerjugend*) e mussoliniana (*Opera Nazionale Balilla*). Envergando camisas verde-bandeira, os jovens a partir dos 7 anos erguiam o braço na saudação dita «romana» e cantavam em coro obrigatório: «Somos pequenos lusitos/ mas já firmes e leais./ Amamos e respeitamos/ nossos chefes, nossos pais».

A encenação continuava, mas daí a 24 dias cairia definitivamente o pano. **LAM**



ARQUIVO NACIONAL LAYORRE/DOTOMBO

➔ BALTAZAR REBELO DE SOUSA E FILIADOS DA MP EM BISSAU, NO DIA 1 DE ABRIL DE 1974



A frequência da Mocidade Portuguesa era exigida a todos jovens do ensino secundário. Na fase marcelista do regime as fardas deixaram, porém, de ser obrigatórias, e a organização perdeu alguma da sua carga política, muito identificada com a ideologia dos regimes fascistas das décadas de 30 e 40

Sendo embora um incondicional do regime, agraciado com importantes condecorações, só depois da subida ao poder de Marcelo Caetano é que Baltazar Rebelo de Sousa desempenhou cargos ministeriais. Morreu em 2003, com 82 anos, já muito depois do regresso do exílio no Brasil